



A poesia antes ou depois do homem

Trilha, de Leonardo Fróes

Luiz Guilherme Barbosa*

A fotografia de uma folha verde, algo transparente, na capa de *Trilha*, de Leonardo Fróes, chama o leitor a folhear um livro em cujos veios ele poderá se perder. A não ser que reconheça em si, à leitura, que “[n]o interior do pensamento há um rio / que se afunila ramificando-se em veias / para irrigar os corpos transitórios”. São corpos assim, em trânsito, que os poemas são, solicitam e produzem, poemas que podem ter sido “baseados” em textos do japonês Kikuchi Kan ou do chinês Po Chü-i, ou que podem ter sido traduzidos do inglês William Cowper. Seja do século XIX, VIII ou XVIII, seja ainda a partir de um tema de Confúcio, os textos que atravessam os poemas de Fróes apenas o fazem quando o tradutor não se acha “enquanto solidez”: como chuva, como vento, como insetos que invadem tudo e suspendem a solidez em volta, textos alheios participam de operação não tradutória, mas transitória.

Algo como os poemas que, nessa antologia pessoal, são organizados num ziguezague cronológico, entre 1968 e 2015 – uma narrativa se desenha, tênue, organizando os poemas de acordo com os temas da obra. Tensão cronológica que se aguça, por exemplo, nas páginas 26 e 27, nas quais um poema de 1995, “Maluco cantando nas

* Professor do Colégio Pedro II, faz doutorado em Teoria Literária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

montanhas”, baseado em texto chinês do século VIII ou IX (onde se fica sabendo do poeta que, banido, foi viver nas montanhas, “aonde os homens não vêm”), precede um poema de 1981, “Deposição do chefe de uma personalidade” (onde o chefe, que não admite “de saída / que ele está num beco / chuvoso”, usa sua “tesoura mágica / pra cortar o umbigo / das representações” e fracassa). Entre o poeta e o chefe de uma personalidade, como entre deus e um animal (como, “estando em terra”, se pôr “num estado de brisa”), as diferenças, tensas, narram um sujeito que, salvo do dilúvio, flutua “como onda inconstante na correnteza”.

É de uma tal “experimentação existencial” que fala o poeta e editor do livro, Sergio Cohn, na introdução. Marca não somente de Leonardo Fróes, como também de poetas como Roberto Piva e Torquato Neto, entre outros, cujas vozes complicam a narrativa da poesia brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Poetas que pareceram adiantar aquela “retração” ao debate público, às polêmicas, ao tom de vanguarda que, segundo Marcos Siscar, caracterizou uma vertente da poesia brasileira, a exemplo de Manoel de Barros, a partir da década de 1980. A poesia de Leonardo Fróes teria ainda, para Ricardo Domeneck, uma espécie de recado aos leitores de poesia: “Quem sabe seu trabalho ajude a levar tanto nossa crítica como nossa historiografia literárias a uma atenção voltada ao trabalho individual de cada poeta?”

Talvez, então, a poesia de Fróes diga algo sobre a experiência democrática. Ou, antes, a produção de comunidades, como a de seus leitores, que formam uma “rede subterrânea” de admiração silenciosa, segundo um dos leitores apaixonados, Alberto Pucheu. Ou ainda como num dos poucos poemas inéditos incluídos em *Trilha*, aquele que começa por afirmar que “[n]o fundo, ninguém conhece

/ ninguém. A não ser por alto”. Narrando as trocas de olhares entre desconhecidos pelas ruas, sempre atento ao lugar-comum da língua e ao lugar comum na linguagem, o poeta flagra o momento em que, aglutinados pela emoção de viver, para dois desconhecidos “a presença da espécie rarefaz-se”.

Em Baudelaire, diante da passante, o instante apenas passa (“Une femme passe”) e foge (“j’ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais”), pois é o homem, ainda que arauto do Mal, aquele que fala, contra-lírico na modernidade. Algo de distinto acontece no poema de Fróes, onde o ser humano, ao contrário de si mesmo, abandona sua substância – e a expressão que o nomeia, “ser humano”, a sua noção semântica – e, rarefeito, lírico, é como um animal na cidade: “Ninguém porém entrega a senha do mistério / que é humano ser um só na multidão”. Os dois alexandrinos que encerram o poema em versos livres “A lagoa dos olhares” testemunham, com simplicidade e acuidade, algo de uma experiência pós-humana (ou ante-humana), algo de uma visada antropológica do homem da multidão, algo, enfim, dos efeitos líricos que o poeta, o “maluco nas montanhas”, tem a produzir quando não desvia o olhar do outro.

As folhas de *Trilha* parecem representar para nós o sentido de uma sobrevivência lírica – na cidade, nos arquivos, na floresta. Sem agonia, a poesia de Fróes desenha para si um lugar, como a floresta, os arquivos, a cidade, aberto aos caminhos imprevistos e não controlados pelo tempo acumulado, pois o vento, quando chega, a chuva, quando chega, os insetos, quando chegam, mostram que “[n]ão há sentido definido formado de maneira nenhuma. Não são montanhas as montanhas, nem os peixes são peixes, ou só isso”. A poesia, que é outra coisa, é também um aprendizado político com a lírica, o sujeito fora de si, na multidão.